



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JEDAÍAS OLIVEIRA ALEXANDRE

**LUZ, CÂMERA, (INOV)AÇÃO: A UTILIZAÇÃO DE FILMES COMO
FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

**CAMPINA GRANDE – PB
OUTUBRO, 2016**

JEDAÍAS OLIVEIRA ALEXANDRE

**LUZ, CÂMERA, (INOV)AÇÃO: A UTILIZAÇÃO DE FILMES COMO
FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Me. José Emerson Tavares de Macêdo

**CAMPINA GRANDE – PB
OUTUBRO, 2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A381l Alexandre, Jedaías Oliveira
Luz, câmera, (inov)ação [manuscrito] : a utilização de filmes
como ferramenta didática no ensino de História / Jedaías Oliveira
Alexandre. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. José Emerson Tavares de Macêdo,
Departamento de História".

1. Ensino de História. 2. Filmes. 3. Novas linguagens. I.
Título.

21. ed. CDD 791.43


JEDAÍAS OLIVEIRA ALEXANDRE

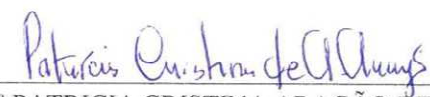
**LUZ, CÂMERA, (INOV)AÇÃO: A UTILIZAÇÃO DE FILMES COMO
FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 26/10/2016.


Prof^o Me. JOSÉ EMERSON TAVARES DE MACÊDO/UEPB
Orientador


Prof^a Dr^a MARIA LINDACI GOMES DE SOUZA/UEPB
Examinadora


Prof^a Dr^a PATRÍCIA CRISTINA ARAGÃO DE ARAÚJO/UEPB
Examinadora

LUZ, CÂMERA, (INOV)AÇÃO: A UTILIZAÇÃO DE FILMES COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

ALEXANDRE, Jedaías Oliceira¹

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre a utilização de filmes como recurso didático para aulas de história. Destacando a importância na busca de uma renovação no ensino de história. Trabalhar com as novas linguagens em sala de aula que no nosso caso optamos em discutir sobre a linguagem fílmica. As questões que este artigo propõe, contribuem para uma compreensão significativa das várias formas de utilização do cinema nos ambientes escolares e como essa prática vem se a perfeição ao longo do tempo. Apresentaremos ao longo desse texto os elementos pertinentes ao campo da história e do cinema, entendemos que esta discussão vai além de uma fonte histórica ou até mesmo de uma aula mais divertida/dinâmica, essa linguagem pode ser discutida e problematizada em sala de aula, inserindo no que tange as novas linguagens no ensino de história. Neste sentido, optamos por realizar um estudo bibliográfico sobre a relação entre a história e o cinema, sob uma perspectiva de utilização enquanto ferramenta pedagógica nas aulas de história.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Filmes. Novas Linguagens.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba. jedaias77@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A cada dia fica mais evidente o desinteresse dos alunos para os estudos principalmente em escolas públicas, o professor em seu papel de “dar aulas”, transmitindo informações, marcado pela presença quase que única do livro didático muitas vezes fora do contexto e pelos conteúdos memorizados e repetidos até a sua fixação tem a cada dia minado o estímulo dos alunos. De certa forma as novas tecnologias (*tablet, smartphone, notebook*) têm atraído os jovens, e a maneira formal de ensinar não desperta mais atenção dos discentes. Nesse sentido, os professores juntos com as instituições de ensino devem aprimorar a forma de ensinar.

No caso específico da disciplina história o caso é mais problemático, alunos vão às aulas para completar as notas de aprovação no final do ano. Deixando de lado a importância e a função que a história tem para o seu aprendizado. Esse fator vem se arrastando devido às práticas de ensino nas quais os professores lecionam apenas com uso do quadro e do repetitivo livro didático, sendo de maneira geral aulas expositivas, e muitas vezes não transmite o valor e nem o objetivo do que está sendo estudado.

Por isso, a urgência nas mudanças nas práticas de ensino, para que a disciplina de história deixe de ser vista como uma disciplina sem importância, “decoreba”, onde predomina métodos cansativos como memorização da periodização e abordagem factual, em um ensino tradicional. E dentro dessa desagradável realidade alguns professores têm buscado novas formas de trabalhar os conteúdos de história, encontrando novas possibilidades para o ensino mais participativo e atraente. Dentre outras está o filme, como possibilidade de suprir essa falta de interesse e de maneira “heroica” tentar reverter essa situação. Com isso, este trabalho se propõe a fazer uma reflexão a utilização de filmes como ferramenta didático-pedagógica no ensino de história.

Dentre as várias linguagens de se trabalhar o ensino de história as películas cinematográfica foi à escolhida para realização deste trabalho, por ter como características de tentar reproduzir o real, dentro de suas tramas históricas junto com a tentativa de “convencer” seu público sobre determinados aspectos. Suas narrativas se passam em cenários semelhantes ao real e representa o ponto de vista de seus idealizadores.

É comum encontrarmos em produções cinematográficas fatos históricos equivocados no intuito de dramatizar, modernizar e agradar o público, são alguns dos fatores que levam a tais distorções do fato histórico. A pretensão de alguns diretores de cinema é visar apenas à comercialização do seu produto e por muitas vezes é preciso romantizar, enfeitar a sua produção o que por muitas vezes acaba descaracterizado alguns fatos históricos. Uma das

nossas preocupações, é que muitas pessoas acreditam naquilo que estão assistindo, isto é, histórias desenhadas, montadas e, muitas vezes criadas, são assimiladas pelos telespectadores como fatos reais, históricos, verídicos.

Portanto, o mundo cinematográfico tem mostrado muitas inverdades sobre o passado, no entanto filmes com erros históricos – de datas, fatos e mentalidade – podem ser verdadeiras obras de arte, desde que sejam entendidos, encarados como ficção, pois acreditar em tudo que nos é apresentado como sendo verdadeiro pode acarretar erros de compreensão histórica. E nesse intuito que o professor de história deve despertar o senso crítico do seu aluno, apresentar para eles que essas produções não tem a obrigação da representação de um passado real.

2. AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO DA HISTÓRIA E NO ENSINO DE HISTÓRIA

No século XIX quando a História se pretendia ser a ciência absoluta, bebendo nos método das ciências naturais, a concepção de História estava ligada à concepção de documento. A verdade dos fatos estava nos documentos escritos e oficiais; cabia ao historiador fazer a crítica documental, separando aqueles tidos como “falso” e aqueles que se dizia “verdadeiros” e assim o historiador construía uma narrativa descritiva dos fatos políticos e militares. Para Burke (*apud* Cruz, 2001, p.73), a história metódica refere-se “essencialmente à política, adota a narrativa como forma de transmissão de conhecimento, interessa-se pelos feitos dos “grandes Homens”, utiliza como fontes os documentos emanados do governo e preservados em arquivos”.

Segundo Macêdo (2012), durante o século XIX trabalhar com o campo visual (pinturas, fotografias, charges, filmes etc.) seria algo inconcebível, pois para os positivistas apenas os documentos escritos e oficiais eram considerados apropriados para tal tarefa. As imagens podiam ser classificadas como documento de segunda ordem, em função da ampla utilização como ilustração da linguagem verbal. Neste sentido, o uso do campo visual como fonte documental, surge como uma das respostas dos paradigmas positivistas, que consideravam a imagem com meios transparentes, ilustrativos. Na tradição acadêmica, estudos com textos verbais foram consagrados, tornando-se a forma prioritária de expressão e compreensão do mundo.

Não podemos desprezar o peso da tradição dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, quando se buscava a verdade dos fatos por intermédio dos

documentos, porém foi durante o século XX, que diversas novas metodologias historiográficas foram sendo discutidas e analisadas. Os documentos oficiais deixam de ser exclusivos do campo da investigação no olhar do historiador. Aos poucos foram sendo incorporados ao instrumental do historiador, novos meios e novos objetos como: fotografia, música, televisão, artes plásticas etc.

Aos poucos o papel principal da história, que era de construir o passado tal qual aconteceu, revelando heróis e fatos marcantes, vem sendo substituído por um modelo de pensar e analisar a sociedade como um todo e não apenas a elite de um povo. A historiografia francesa que faz parte de uma visão europeia transplantada, preocupada com aspectos políticos e ignora as causas que movem os homens, elevando-os à categoria de heróis, omitindo a participação das maiorias silenciosas dos fracos e dos vencidos.

Foi esse modelo francês de interpretar o passado que foi adotado no nosso sistema de ensino de história como afirma a historiadora Bittencourt (2004, p.121) “a história serviu inicialmente para legitimar um passado que explicasse a formação do Estado-nação e para desenvolver o espírito patriótico ou nacionalista”.

Este modelo de ensino de história proposto pela escola positivista ficou conhecido como tradicional/positivista e baseava-se numa concepção causal, linear e evolutiva de tempo. Este ponto de vista do ensino tinha relação com uma história feita de eventos, e se preocupava em descrever fatos organizados em sentido cronológico, dispensando interpretações e objeções que ameaçassem a objetividade e imparcialidade do conhecimento histórico.

A história científica impulsionada pelos positivistas só seria alcançada por meio da neutralidade do historiador ante o real analisado, obtendo assim um reflexo fiel dos fatos do passado. A narrativa histórica parecia querer montar um sujeito absoluto personificado. Nesse sentido, o trabalho do historiador seria o de recompor detalhadamente o passado por meio de uma descrição densa que não problematizasse os fatos, pois eles poderiam falar por si mesmos.

Porém, um grupo de historiadores franceses, encabeçados por March Bloch e Lucien Febvre, promoveu uma revolução nos estudos históricos, ampliando o campo de visão dos historiadores sobre as possibilidades de investigação dos processos sócio humanos (BURKE, 1991). Este empreendimento contrariou a máxima formulada por Langlois e Segnobos, que afirmavam que a história só se fazia com documentos e conhecimento histórico e se baseavam na observação indireta dos fatos históricos através dos testemunhos conservados. Contudo segundo (BURKE, 1991), surge uma nova “abordagem e interdisciplinar da história” que ficou conhecida como Escola dos *Annales*. Para ele

Desde os tempos de Heródoto e Tucídides, a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros: crônica monástica, memória política, tratados de antiquários, e assim por diante. A forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis. Foi durante o Iluminismo que ocorreu, pela primeira vez, uma contestação a esse tipo de narrativa histórica. (BURKE, 1991, p. 11)

Com o surgimento da Nova História, na escola dos *Annales*, ocorreram à ampliação de fontes, temas e novas linguagens, para a pesquisa histórica e para as novas tecnologias a serviço da área educacional, que desencadeou uma série de mudanças sobre as questões metodológicas e estratégias que envolvem o ensino de História. Na concepção de história essas mudanças trouxeram novos temas que foram além da história oficial e, com elas, novas fontes passaram a ser pesquisadas.

Os estudos da História Cultural, também, trouxeram significativas contribuições para fortalecimento dessa abordagem, procurando não apenas novos objetos, mas apontar novos caminhos com outras áreas do conhecimento, dentro outras podemos destacar: a psicologia, a sociologia, a antropologia, que foram bastante úteis para o trabalho do historiador.

Com essas mudanças, ocorreu um aumento considerável de novos instrumentos de análise, o que possibilitou aos pesquisadores/professores de história ampliar suas formas de ensino da disciplina, procurando alianças com outras ciências e novas abordagens metodológicas que segundo Chartier (1990), dá espaço ao historiador pensar as divergências que surgem e acompanhar de perto a evolução das disciplinas, situando-as no espaço social que é o seu, tendo seu: “principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Nessa compreensão a sala de aula foi aos poucos incorporando tais possibilidades para estudar história, os materiais didáticos foram ganhando novas abordagens com as novas metodologias e linguagens. Sendo assim, esse novo aporte para o campo do ensino de história nos aponta para um caminho da renovação no modo de interpretar e analisar o passado, fortalecendo o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de história. Como afirma Paranhos (1996)

Parcelas expressivas de profissionais, investigados pela necessidade de produzir novas pontes de comunicação com os alunos, passam a refletir criticamente sobre suas práticas educativas. Mais do que isso, como que Tateando outros caminhos, tentam incorporar ao arsenal de recursos

utilizados em classe outras linguagens para além das habituais. (PARANHOS, 1996, p.8)

O professor não é mais aquele que apresenta um monólogo para os alunos e estes passivos, por sua vez, “decoram” o conteúdo. O discente tem o privilegio de medir as relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações. No entanto, podemos entender que, quando se fala em novas linguagens, podemos apontar os muitos produtos culturais, criados no nosso dia-a-dia, e que fazem parte, portanto, do nosso cotidiano. São os elementos que estão perto de nós e nos ajudam a formar um senso crítico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos afirma que:

A linguagem é considerada como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilha-los, em sistemas arbitrários de representação que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (BRASIL, 2000, p.5)

Com os PCN o trabalho escolar desenvolvido com auxílio de diversas fontes e linguagens é propício para ser desenvolvido em todos os anos da Educação Básica. Sendo permeada de simbolismo, a linguagem esta dentro da sociedade e é assimilada pelos indivíduos dentro de suas estruturas mentais e emocionais, pois sendo assim, ela permite aos nossos alunos a problematização da sua visão de mundo e também a forma de ver a si mesmo como vemos abaixo:

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda inventada, que movimenta o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção cultural, nascida por força das práticas sociais. (BRASIL, 2000, p.5)

Quando falamos de diferentes linguagens, podemos ver o uso da musica, com isso os programas de rádio, programas de televisão usando assim o uso das imagens, dos filmes, desenhos animados etc. Com uma boa dose de criatividade podemos usar esses elementos como formas didáticas para atrair os alunos para uma boa problematização do assunto melhorando assim seu aprendizado.

No mundo dominado pelos meios auditivos ou visuais, nos deparamos a todo instante com textos visuais diluídos no cotidiano do espaço urbano. São textos não verbais que

despertam e chamam a atenção do leitor como os *outdoors*, cartazes, vídeos, filmes, pinturas, charges e caricaturas. Portanto, são instrumentos da informação histórica e cultural, destinados a difundir a memória histórica.

A cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente menosprezada ela deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes. Kellner (2005), afirma que; como fenômeno histórico, a Cultura da Mídia “é relativamente recente. Embora as novas formas da Indústria Cultural descritas por Horkheimer e Adorno nos anos 1940 – constituídas por cinema, rádio, revistas, histórias em quadrinhos, propaganda e imprensa” (KELLNER, 2005, p.26).

Assim, a sociedade e a cultura contemporânea estão no momento de mudança. É predominantemente a cultura veiculada pela mídia e seus sistemas de rádio e reprodução do som, de filmes e seus modos de distribuição e especialmente, do sistema de televisão que o indivíduo encontra suas bases para a construção de sua identidade. A forma dominante de cultura na era moderna é a cultura da mídia e do consumo.

Mas, nem sempre essas novas linguagens são percebidas e trabalhadas em sala de aula pelos profissionais da área da História, pois sua formação, às vezes, não lhes permite avançar no processo de formação de uma concepção crítica dos fatos, ficando como meros anexos, apêndices e ilustrações de texto, que precisam ser contextualizados e problematizados, aproveitando as novas possibilidades que a Nova História pode lhes proporcionar.

Concordamos com Silva (1985) quando ele destaca que “o trabalho com linguagem exige do historiador pensa-las como elementos constitutivos de uma realidade sociopolítica, que dependem de um mercado, garantem determinadas modalidades de relações e participam na constituição de uma dada memória” (SILVA, 1985, p.51).

Muitas vezes essas linguagens são utilizadas apenas como ilustração do conteúdo tradicional, não havendo reflexão sobre a sua natureza, suas especificidades, seus limites. O simples manuseio dessas linguagens em sala de aula gera como consequência para incorporação de fontes e linguagens o seu uso apenas como simples ilustração.

Afinal, professores por uma serie de fatores como: ausência de recursos, quantidade excessiva de aulas, falta de motivação, dentre outras se sentem despreparados para utilizar recursos que fogem o seu domínio, recorrendo por muitas vezes a utilização incessante do livro didático e do quadro para explanação dos conteúdos, não despertando por muitas vezes a criticidade almejada dentro do ensino de história. Assim, esse debate sobre a inserção das novas linguagens no ensino de história faz parte do processo de crítica ao uso exclusivo de livros didáticos tradicionais.

3. A RELAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA E O CINEMA

Marc Ferro foi um dos primeiros pesquisadores a se dedicar às investigações sobre o cinema e a história. Seu método de análise é baseado em uma leitura em que se integra o que é filme, planos e temas; ao que não é filme como o autor, produção, público e crítica.

Para o autor não se deve levar em conta apenas o valor de testemunho do filme, mas, principalmente, a abordagem sociohistórica que ele autoriza, de forma genérica, um filme produzido em qualquer época ou espaço, é passível de ser utilizado dentro de uma intervenção histórica, pois em termos de Marc Ferro: "confluência entre a História que se faz e a História compreendida como relação de nosso tempo, como explicação do devir das sociedades" (FERRO, 1992, p.13).

Ainda citando Ferro devemos fazer uma "análise fílmica da História", pois devida as várias formas dos filmes se apropriarem da história, há também a possibilidade de compreendê-los no jogo de forças políticas, pois desde que seus pioneiros passarem a intervir na história, com seus filmes mesmo que seja a maneira de representação tentam doutrinar e glorificar lembra Marc Ferro (1992)

Simultaneamente, desde que os dirigentes de uma sociedade compreenderam a função que o cinema poderia desempenhar, tentaram apropriar-se dele e pô-lo a seu serviço: em relação a isso, as diferenças se situam ao nível da tomada de consciência, e não ao nível das ideologias, pois tanto no Ocidente como no Leste os dirigentes tiveram a mesma atitude (FERRO, 1992, p. 14).

Assim, uma produção cinematográfica, envolve uma ampla gama de processos constitutivos que vai além de escolhas e possibilidades técnicas, financeiras, culturais e políticas. Ainda em análise do exemplo dado por Marc Ferro (1992), de um filme que mostra os campos de concentração, podemos ver que documento que foi criado de forma bruta, e realizado em condições não muito favoráveis, é um exemplo de filme autêntico, pouco inocente e realizado para "testemunhar"; um filme que invadiu um sistema de informações bastante fechado da época.

Esse emaranhado de questões, não interfere no resultado, trazendo a compreensão além-fronteiras - o que se comprova com a reação do Partido Comunista Francês, que na época não compartilhou a tese soviética da "falsificação grosseira", de que uma informação não tem que ser necessariamente proveniente de suas instâncias para ser verdadeira. Além do que é assistido em uma tela há todo um conjunto de procedimentos que direcionam o produto,

o cinema intervém com um certo número de modos de ação que tornam o filme eficaz, operatório, capacidade que está ligada à sociedade que produz o filme e àquela que o recebe, que o recepciona.

Por ter o esse poder de gerar símbolos para o público, e abrigar leituras opostas a cerca de um determinado fato, mesmo sobre todos os controles, os filmes soam aterrorizantes, pois eles testemunham, fato que deixou alguns historiadores que monopolizam as fontes intrigados, pois segundo Marc Ferro o desprezo dos historiadores pelo cinema revelava uma certa fragilidade, a partir da perspectiva de:

substituir-se ao comentário, cujo lugar é ocupado ora pelas perguntas feitas às testemunhas, ora pelo comentário sincrônico dos jornais cinematográficos da época. Assim, o historiador aparentemente se apaga diante das testemunhas, diante da sociedade, diante do testemunho do passado. Na ausência dessa mediação, a explicação histórica surge como terrivelmente autêntica, como que dotada de um suplemento de verdade (FERRO, 1992 p. 48)

O cinema, a televisão as imagens de modo geral são analisados por Marc, por um mesmo parâmetro analítico, são para ele fontes históricas, e que uma película cinematográfica deve ser compreendida como um documento a ser analisado em busca da história. Sendo assim segundo Eder Souza “O documento escrito é a base que trás a verdade sobre o passado, a partir dele pode-se utilizar o filme como objeto de reflexão para aprofundar tal conhecimento” (SOUZA, 2012, p.75). Portanto, o que se insinua é entender as imagens produzidas pela indústria cinematográfica em si, enquanto obra de arte que possui várias dimensões que permeiam o discurso histórico que visa constituir.

O historiador Elias Thomé Saliba (1993), aponta a narrativa fílmica juntos com seus recursos técnicos e dramáticos como um produto da construção e criação de significados pelo sujeito, que tendem a homogeneizar o imaginário social, pois os acontecimentos são sempre produtos de uma construção que não compromete apenas a validade das verdades históricas, mas o próprio sentido que a sociedade constitui sobre tais acontecimentos.

Ainda citando Saliba (1993), nota-se, que o princípio que permeia a essas concepções de história e cinema, é o de que, o produtor de conhecimento não é mais o sujeito vazio e transparente –segundo os positivistas - por meio do qual a realidade se refletia; ele passou a ser visto como um sujeito (filme) ativo, imbuído de valores e ideologias, próprios de seu contexto histórico e da posição que ocupa nele. Além de produzir significados históricos com algum fundamento, as películas também podem ser consideradas como produtor de novas

formas de abordagens históricas, modulador de outros olhares que ainda não foram pensados ou testados:

Desvelar o processo de construção fílmica implica uma complexa análise de dados que vão desde a produção industrial do filme – toda aquela série de dados cinematográficos essenciais para subsidiar a compreensão dos conteúdos latentes do filme – até a compreensão de como a História (isto é, os dados históricos, como com todo o seu rol de significações), é construída no interior da narrativa histórica que se faz e, nesse sentido, o filme da mesma forma que a própria historiografia, também produz um conhecimento. (SALIBA, 1993, p.100)

O filme sendo um artefato fruto da cultura é sempre um produto de trabalho coletivo, mas com requintes de individualidade, sempre apontando para a figura diretores e seus cineastas, que passa por algumas etapas importantes. E ao nos debruçarmos sobre as peculiaridades do cinema é possível observar como a indústria cinematográfica tem produzidos de maneira intensas narrativas que podem até conformar olhares históricos pelo viés das emoções e do fascínio estético.

4. A UTILIZAÇÃO DE FILMES COMO FERRAMENTA DIDÁTICA/METODOLÓGICA PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA

No ano de 1998, quando cursava o segundo ano do Ensino Médio, tive uma experiência que impactou minha relação com a disciplina de história. Comecei a gostar da disciplina devido às aulas de uma estagiária que acabou tendo que substituir a professora dessa disciplina por motivos de saúde.

Então no certo dia a estagiária chegou a sala de aula nos cumprimentou e disse que professora estava doente e que ela estava ali para substituí-la, e nos levou a recém inaugurada sala de vídeo para assistirmos um filme sobre o descobrimento da América. Aquela experiência foi impactante marcou minha vida até hoje, descobri naquele dia em que eu gostaria de ser professor de história e que eu poderia buscar alternativas para atrair os alunos nas aulas de história, e que a linguagem do cinema pode ser uma boa ferramenta para ajudar no campo metodológico do professor, enriquecendo o aprendizado e assim facilitar a compreensão do tema/conteúdo trabalhado em sala de aula.

Tradicionalmente é formada uma ideia quando se pensa em trabalhar com filmes nas aulas de história de que o aprendizado pode ser facilitado e melhor compreendido pelos alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e atraentes, neste sentido, a história vista através de

uma produção cinematográfica potencializa a cognição dos alunos, prende a atenção e facilita bastante o trabalho do professor na relação ensino e aprendizagem.

O historiador Marcos Napolitano publicou um livro no de 2003, com o título “Como usar o Cinema na sala de aula”, nele o autor elaborou algumas orientações e reflexões sobre a utilização de filmes em salas de aulas, mas sempre com foco em aulas de História, essa obra se tornou uma referencia para trabalhar/discutir a relação história e cinema na sala de aula.

A ideia do seu trabalho é a de que as produções cinematográficas devem ser tomadas como objetos de estudos para problematizar o ensino de História, além do conteúdo a ser trabalhado, deve se estudar as dimensões temporais, artísticas técnicas e tecnológicas da produção de um filme.

Segundo o autor todos os filmes seja ele documentário ou ficção não deve ser tomado apenas como uma: “ilustração de aulas e conteúdos”, o professor deve explorar as varias dimensões que o filme propõe sempre questionando, “a qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é mais adequado? Como vou abordar o filme dentro de minha disciplina ou em um trabalho interdisciplinar? Qual a cultura cinematográfica dos meus alunos?” (NAPOLITANO, 2003, p. 12).

Mas, será que todos os filmes tem o conteúdo para ser analisados em sala de aula? Os filmes ditos históricos são os preferidos dos professores? Segundo Napolitano, todos os filmes comerciais ou não, guardam grandes possibilidades para serem trabalhados em sala de aula. Para Napolitano

obras que não foram produzidas diretamente para uso didático em sala de aula, mas para fruição estética na sala de projeção (...) dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre uma possibilidade para trabalho escolar. (NAPOLITANO, 2003, p.11)

Outro ponto analisado pelo autor são os anacronismos que são apontados por ele como uma armadilha a ser driblada pelo professor no trato com o cinema em sala de aula

Este é um aspecto fundamental que o professor deve levar em conta e remete a uma armadilha a que o professor precisa estar atento: o anacronismo. Ocorre quando os valores do presente distorcem as interpretações do passado e são incompatíveis com a época representada. No filme histórico ele pode decorrer não apenas da liberdade poética dos criadores do filme e das adaptações necessárias para que ele agrade ou atinja a determinado público, mas também do fato da representação do passado no cinema estar perpassada por questões contemporâneas ao momento histórico que produziu o filme. Respeitar e valorizar as abordagens plurais de um mesmo fato ou processo

histórico não significa se eximir diante do anacronismo, muito comum em alguns filmes (NAPOLITANO, 2003, p. 38)

Contudo, podemos pensar no anacronismo como uma mensagem que também pode ser trabalhada em sala de aula, podemos considerar os anacronismos como metáforas da História, e a rejeição pode se dar pelo fato de não conseguir reconhecer esses filmes como documentos de seu tempo. O cinema é considerado produto cultural de grandes proporções e muitas vezes abordado de forma midiática, como um artefato de consumo massificado. Para as potencialidades dos filmes históricos como exercer influência sobre os olhares do público exerce um papel de agente que produz uma forma particular de conhecimento sobre a história.

Outro ponto a ser destacado, trata-se dos PCN de História, que fala com relação ao uso do cinema. Os parâmetros chama atenção dos professores para possíveis aspectos históricos que os filmes podem trazer. Nos alerta para a influência que a sociedade que produziu o filme tem sobre aquilo que quer retratar, em uma dialética que parte, do futuro para o passado. Os professores e alunos estão sendo observados pelo PCN, para que eles possam perceber as intencionalidades ou não da construção da trama, dos cenários, bem como a reconstituição histórica. E tem a preocupação de colocar possibilidade de se trabalhar o cinema no seu aspecto mercadológico, técnico, estético, e histórico:

No caso de trabalho didático com filmes que abordam temas históricos é comum a preocupação do professor em verificar se a reconstituição das vestimentas é ou não precisa, se os cenários são ou não fiéis, se os diálogos são ou não autênticos. Um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que à época que retrata. É preciso antes de tudo ter em mente que a fita está impregnada de valores, compreensões, visões de mundo, tentativas de explicação, de reconstituição, de recriação, de criação livre e artística, de inserção de cenários históricos construídos intencionalmente ou não por seus autores, diretores, produtores, pesquisadores, cenógrafos etc. (BRASIL, 1998, p.88).

Napolitano também propõe uma análise para os filmes, e para isso ele propõe grupos de discussão em sala de aula, tendo como mediador o professor na busca de construir com os alunos uma “análise profunda”. No caso de uma análise direta “o filme visto na íntegra”, e essa análise baseada na leitura do professor que deve ser provocativa e não conclusiva

Quando o filme for elemento indireto dos objetivos da atividade, sendo apenas gerador das discussões (abordagem especialmente profícua em ciências da natureza e temas transversais), a análise do filme em si, seus elementos narrativos e formais, não é fundamental. Mas nas atividades em

que o filme for fonte central de análise (ainda que direcionada para o aprendizado de conteúdos disciplinares específicos), o professor deve levar em conta os aspectos narrativos e formais, pois são neles que encontramos a “mensagem” e os valores veiculados pelo filme (NAPOLITANO, 2003, p. 85-86)

Para tanto, o trabalho do professor em sala de aula é o de organizar a apresentação dos resultados da assistência aos grupos de alunos e promover seminários temáticos ou textuais. Concordamos com os historiadores Macêdo; Souto (2012, p.318) quando afirma que o cinema “tem a capacidade de registrar e de criar realidades objetivas projetadas num outro tempo e espaço. A força das imagens, mesmo quando ficcionais, tem o poder de gerar uma realidade em si mesma”. Nesse sentido o professor pode criticar esse grau de realismo e de fidelidade que o cineasta tenta transmitir em seu trabalho.

Propomos que o professor de história a utilizar-se dessa ferramenta didático pedagógica, organize um debate livre onde ele fará o papel de mediador e de agregador das discussões, sintetizar o resultado dos debates e estar sempre atento aos erros de leitura fílmica sem deixar de respeitar os leques de interpretações lógicas possíveis da fonte

podem ocorrer problemas básicos de assimilação do conteúdo visto nas crianças e nos pré-adolescentes, não por deficiência dos alunos, e sim pela escolha errada do material, que não deve exigir habilidades e conceitos para a sua interpretação incompatíveis com a faixa etária e escolar dos alunos envolvidos na atividade (NAPOLITANO, 2003, p. 98).

O professor deve estar atento a tudo o que se vê e se ouve de uma produção cinematográfica como: o figurino, o cenário, a textura, os ângulos da câmera, diálogos, trilha sonora, etc. É preciso analisar o filme como um conjunto de elementos que buscam representar uma sociedade, seu presente ou seu passado. Além dessa proposta é interessante executar trabalhos paralelos, para síntese das atividades com filme na escola é o desenvolvimento articulados com painéis, jogos gincanas, feiras científicas e *websites*.

A autora Katia Maria Abud (2003), em seu texto: *A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino* nos aponta também para a discussão entre o ensino de História e o cinema em sala de aula como recuso didático para assuntos de História. Esse recurso tem chamado à atenção dos professores de História, pois segundo a autora:

a enorme atração que a produção fílmica ainda exerce, a disseminação e a acessibilidade das fitas de vídeo, tanto em locadoras como nas videotecas de instituições educativas e nas próprias escolas. Por outro lado, a utilização de filmes tem sido facilitada pelas políticas públicas que têm como proposta a

educação a distância e tem fornecido às escolas os aparelhos para a projeção de programas ligados ao projeto: televisão e videocassete, utilizáveis também para a exibição de filmes em fitas de vídeo (ABUD, 2003, p.183)

Autora ainda nos alerta sobre a utilização do filme de maneira correta, pois segunda a autora prevalece à ideia de utilizar os filmes exclusivamente como reprodução de conteúdo. Entretanto as imagens tem uma linguagem própria e deve ser encarada como um recurso com características próprias pois,

ao serem analisadas permitem que se compreenda melhor os aspectos que os currículos escolares propõem. Processam, ainda, outros símbolos amplamente culturais e sociais, mediante os quais apresentam uma certa imagem do mundo, que devem possibilitar ao aluno que desenvolva a análise crítica do mundo no qual vive (ABUD, 2003, p.188)

Entender as formas com que os sujeitos, envolvidos no processo educacional compreendem a historicidade presente em cada filme histórico é caminho possível para se estabelecer reflexões sobre a forma com que a educação histórica pode se apropriar destes artefatos culturais no desenvolvimento de suas teorias. Todavia os filmes históricos são uma manifestação clara de uma presença, e essa não é tida como verdade histórica, mas como um processo de construção de interpretações culturais do passado.

Dentro dessas narrativas o cinema vai instaurar uma ordem natural das coisas, que permite uma melhor compreensão do desfecho dos acontecimentos. Sabemos que a linguagem utilizada no cinema é mais romanceada, literária, diferentemente da história que busca relatar acontecimentos, pesquisas, análise de documentos e fontes e descobertas, o cinema tenta produzir dentro do tema proposto relações coerentes dentro do contexto sociocultural e histórico. Concordamos com o pensamento de Alencar (2007), quando ele afirma que:

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez. (ALENCAR, 2007, p. 137)

Para enfatizarmos a importância do cinema podemos ver sua utilização por regimes totalitários vendo neste mecanismo o poder de gerar símbolos junto ao seu público, alcançando assim o poder; e conquistando o apreço e admiração do povo veículos de propaganda em massa foi amplamente usado como grande difusor de suas ideologias Sendo assim com o intuito de disseminar e legitimar suas ideologias políticas, administrativas,

econômicas, sociais, educacionais e culturais com o objetivo de “seduzir”, “controlar”, “dominar”, “alienar”, “hipnotizar” as massas populares em seu favor e conquistar os indivíduos emocionalmente e psicologicamente (PEREIRA, 2003).

Tendo em vista o grande “poder” do cinema, as salas de aulas não poderiam ficar de fora e esta sendo de grande importância o uso dos roteiros cinematográficos como uma excelente ferramenta didático-pedagógica, e, sobretudo os filmes históricos desempenham um grande papel como transmissores de determinado saber histórico, que atinge as pessoas e as informa sobre o passado. Produções que não estão preocupadas com a cientificidade e com a racionalidade histórica, uma vez que geralmente se configuram da cultura de massa.

A ideia de educar pelo cinema é relevante antiga, pois, segundo Suely Araújo (2007), desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução.

Imaginemos falar sobre o tema “As grandes navegações marítimas” esse é um tema complexo de ser discutido em sala de aula, principalmente com alunos do Ensino Fundamental, pois, explicar as questões que levaram as aventuras marítimas, as perigosas travessias oceânica, às formas e dimensões das Caravelas usadas para tal, a indumentária europeia, o choque de civilizações e culturas, utilizando apenas o quadro negro, ou quando muito o livro didático, precisa de muito jogo de cintura do professor que muitas vezes não consegue e a aula acaba se tornando enfadonha. Assim sendo, a utilização de filmes de longa metragem ou documentários torna a aula mais dinâmica e prazerosa.

Sendo assim, podemos ver claramente que o cinema se insere mais facilmente na mente do aluno, e o conteúdo do que está se passando na película pode atuar como recurso pedagógico, pois é bastante flexível quanto ao modo de retratar qualquer assunto. De acordo com Souza (2012)

o adequado equilíbrio entre as palavras e as imagens, facilita os processos de desenvolvimento do pensamento em geral e, em particular no processo de ensino/aprendizagem. É por isso que se assinala que sem sensações, percepções e representações, não há desenvolvimento do pensamento; daí, ser importante, sempre que possível, além das palavras, usar representações visuais (SOUZA, 2012, p.77).

A exibição de filmes em classe pode ser um momento único para pensamento crítico dos alunos e um bom aprofundamento do tema ou uma simples sessão da tarde, pura diversão para a turma. Mas para isso devemos ter cuidado, pois as imagens não podem ser utilizadas

como mera ilustração de uma aula e muito menos substituir o discurso do professor. Quando isso acontece, corremos o risco da informação cair no vazio, e os alunos não aprendem nada e se perde uma oportunidade maravilhosa de ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o século XX, a historiografia passa por varias reformulações, no que diz respeito as suas teorias, métodos e objetos. Tudo isso surgiu com o impulso da Escola dos *Annales*, que começou a abordar cada vez mais todas as diferentes dimensões da vida humana. A partir daí os estudos históricos começarão a lançar olhares a novas possibilidades e repensando as dinâmicas sócio históricas, fazendo com que muitos conceitos sejam revisitados revidados e também ampliados. As discussões entre a história e o cinema começaram a ganhar força dentro da Nova História, e a produção cinematográfica faz parte de uma grande revolução historiográfica ao demonstrar a importância do cinema em varias praticas e espaços sociais.

Essa associação do cinema ao ensino de história vem se fortalecendo com o passar do tempo. Tentamos apresentar nesse trabalho, essas mudanças e destacando a importância na busca de uma renovação no ensino de história trabalhar com as novas linguagens que no nosso caso optamos em tratar sobre a linguagem fílmica. Mesmo com suas particularidades a história e o cinema acabaram por se encaixar nas novas perspectivas do ensino de História. Essa união tem adotado novas formas de se trabalhar o conteúdo proposto, entre semelhanças e diferenças entre discursos e narrativas as duas caminham juntas, transmitindo ideias, crenças e formas de ver o mundo.

Através dos pressupostos analisados, este artigo nos possibilitou uma compreensão significativa de como o cinema, tomado como instrumento pedagógico, pode ser trabalhado em sala de aula, tratando de um filme de forma analítica e crítica, buscando fatos históricos que o permeia. Destacamos nesse artigo a importância de saber analisar um filme de maneira critica em sala de aula, essa postura visa contribuir para que os alunos tenha um olhar mais critico para essas produções culturais, é preciso interpretar/decodificar as intenções, os objetivos e as entrelinhas existentes em cada película, para isso o professor exerce um papel importante como mediador dessas experiências, provocando a reflexão do conhecimento recém-adquirido por meio do cinema.

Para que se possa fazer uso do cinema em sala de aula como recurso de ensino, faz-se necessário que o professor tenha preparo para executar tal atividade e obter êxito. Assim, com foco em sala de aula, isto é, voltado ao ensino, um filme pode e deve ser utilizado como fonte documental histórica, constituindo, dessa forma, uma importante ferramenta na construção da memória e do conhecimento histórico.

Portanto, destacamos ao longo do nosso texto as discussões pertinentes ao campo da história e do cinema, entendemos que esta discussão vai além de uma fonte histórica ou até mesmo de uma aula mais divertida (dinâmica), essa linguagem pode ser discutida e problematizada em sala de aula, inserindo no que tange as novas linguagens no ensino de história. Nesse texto, tivemos por objetivo problematizar de forma teórica as discussões que circunda a relação entre o cinema e o ensino de história.

ABSTRACT

This article aims to discuss the use of film as a teaching resource for history lessons. Stressing the importance in seeking a renewal in teaching history. Working with the new languages in the classroom in our case we decided to discuss the filmic language. The issues that this article proposes to contribute a significant understanding of the various ways of using the film in school environments and how this practice has been the perfeiçoando over time. We will discuss throughout this text the relevant topics in the field of history and film, we understand that this discussion goes beyond a historical source or even a more fun / dynamic class, this language can be discussed and problematized in the classroom by entering regarding the new languages in teaching history. In this regard, we decided to conduct a literature study on the relationship between history and cinema, from the perspective of use as an educational tool in history classes.

KEYWORDS: Teaching of History. Movies. New languages.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma Didática da História:** algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*. 2003, p. 183-193.

ALENCAR, S.E.P. **O cinema na sala de aula:** uma aprendizagem dialógica da disciplina história. Dissertação de Mestrado. Fac. de Educação. Univ. Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007.

ARAÚJO, S. A. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. In: **Revista Espaço Acadêmico**, n.º 79, Mensal, Dezembro/2007. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/079/79araujo.htm> Acessado em: 29/08/2016

BITTENCOURT; Circe Maria F: **Ensino de História:** Fundamentos e Métodos. São Paulo. Ed Cortez, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNs):** história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):** Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC / SEF, 2000.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales, 1929-1989:** A revolução francesa da historiografia. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

CHARTIER, Roger. **A História cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CRUZ, Marília B. A. O ensino de História no contexto das tradições paradigmáticas da História e de Educação. In: NIKITIUK, Sônia L. (org.). **Repensando o ensino de história**. 4º Ed. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1602.pdf>. Acessado em 31/08/2016

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KELLNER, Douglas. Guerras entre teorias e estudos culturais. In: **A cultura da mídia:** estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP: EDUSC, 2005. (p. 25-74).

MACÊDO, José Emerson Tavares de. **A linguagem humorística das charges e as “Diretas já” no traço dos chargistas dos jornais:** Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

MACÊDO, José Emerson Tavares de; SOUTO, Karina Pereira. Práticas identitárias em O Sorriso de Mona Lisa. In: BURITI, Iranilson. (org.). **Identidades e Sensibilidades:** O cinema como espaço de leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PARANHOS, Adalberto. Saber e prazer: a música como recurso didático pedagógico. In: FRANCO, Alécia Pádua (org.). **Álbum musical para o ensino de história e geografia no 1º grau. Uberlândia**. Escola de Educação Básica/ Universidade Federal de Uberlândia, 1996.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e Propaganda Política no Fascismo, Nazismo, Salazarismo e Franquismo. In: **História: Questões & Debates**, ano 20, nº38. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.
- SALIBA, Elias T. A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica. In: FALCÃO, A.R. & BRUZZO, C. (Orgs). **Lições com cinema**. São Paulo: FDE, 1993. p. 87-108.
- SILVA, Marcos A. O trabalho da linguagem. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1985.
- SOUZA, Eduardo Cristiano. **O uso do cinema no ensino de História: propostas recorrentes dimensões teóricas e perspectivas da educação histórica**. Dissertação de Mestrado UNESPAR/FAFIPAR, São José dos Pinhais- PR. 2012.